



O Amor dos Homens Avulsos

Victor Heringer

Download now

Read Online ➔

O Amor dos Homens Avulsos

Victor Heringer

O Amor dos Homens Avulsos Victor Heringer

No calor de um subúrbio carioca, um garoto cresce em meio a partidas de futebol, conversas sobre terreiros e o passado de seu pai, um médico na década de 1970. Na adolescência, ele recebe em casa um menino apadrinhado de seu pai, que morre tempos depois num episódio de agressão. O garoto cresce e esse passado o assombra diariamente, ditando os rumos de sua vida. Essa história, aparentemente banal, é desenvolvida com maestria ficcional e grandeza quase machadiana por Victor Heringer. Dono de uma prosa fluente e maleável, além de uma visão derrisória da vida, o autor demonstra pleno domínio na construção de cenas e personagens. E emociona o leitor com sua delicada percepção da realidade.

O Amor dos Homens Avulsos Details

Date : Published August 2nd 2016 by Companhia das Letras

ISBN : 9788535927719

Author : Victor Heringer

Format : Paperback 160 pages

Genre : Fiction, Lgbt



[Download O Amor dos Homens Avulsos ...pdf](#)



[Read Online O Amor dos Homens Avulsos ...pdf](#)

Download and Read Free Online O Amor dos Homens Avulsos Victor Heringer

From Reader Review *O Amor dos Homens Avulsos* for online ebook

Leandro says

não curti muito, mas quero dar mais uma chance pro autor e ler "gloria" logo que possível

Emmanuel K. says

Essa foi uma das leituras que fiz para o Clube do Livro da Cartas Marcadas! Para conferir o que eu (e a Marilha!) achei sobre o romance indicando ao prêmio Oceanos que conta uma história de primeiro amor e sua lembrança no bairro (fictício) do Queim, é só dar um pulo no nosso blog: <https://cartasmarcadasblog.wordpress....>

Simone Az says

uma linguagem super fresca, fluida, com imagens inventivas. um livro cheio de ótimas "viradas" que surpreendem e dão ritmo à história. achei o final meio cortado, um pouco confuso, com uma virada narrativa que não funcionou muito. mas super vale a leitura.

Marilia Ramos says

Difícil avaliar esse livro e balizar seus mil elementos... Emmanuel e eu tivemos uma ótima discussão e dá para entender melhor a nota aqui: <https://cartasmarcadasblog.wordpress....>

Marcela Dantés says

Reler esse livro agora, que coisa difícil, doída e doida. Um dos romances mais importantes dos dias atuais, um choque. Um buraco. Um puta livro de um puta escritor. E a gente que perde, perde e dá vontade de nunca mais rrrrarrir. Vai bem, Victor Heringer.

Felipe Vieira says

3,8

O Amor dos Homens Avulsos é um livro nacional que narra a história de um amor que não durou o tempo que deveria durar. Um primeiro amor que foi intenso nas suas duas semanas e que teve um fim trágico.

Camilo, o protagonista, é quem narra os acontecimentos no livro. As narrações ficam entre os dias atuais e a

sua infância/pré-adolescência no Rio de Janeiro. A história criada pelo Victor Heringer é bem real e EXTREMANTE gostosa de se ler. O capítulo sobre Camilo que amou Cosmim e fulano que foi amada por ciclana que faz alusão ao poema do "Quadrilha" do Carlos Drummond de Andrade é simplesmente maravilhoso.

O único problema é que achei o protagonista chato. Adorei a sua complexidade, entendi a sua tragédia e entendi a sua dor, mas não fui de com a cara dele e com certas atitudes. Principalmente do Camilo menino. Com o a tempo de leitura esse pensamento amenizou, mas não foi o suficiente para livrar a cara dele.

É um livro gostoso e é uma super recomendação.

Andrea Motta says

3.5

hard to tell

Felipe says

Não sou particularmente afeito
aos remergulhos de releituras
mas era preciso dar um aperto
de mãos um abraço um afago e
era preciso que o fim fosse
próximo sempre foi era o
amor por cosmim e pelo queím
e a temperatura alta do romance
melhores palavras de adeus
e não até logo apenas tchau
era preciso matar de novo
o macho apodrecido da novela
tropical e ensinar aos pequenos
iletrados literatos o que é
o suave das costas da mão
era esse o amor dos homens
o suave das costas da mão
sendo ensinado outra vez
é isso a releitura:
o suave vivo de um amigo morto

Izamara Silva says

"Eu fiquei. Cosmim desapareceu e eu fiquei, como o tentáculo amputado de um polvo"

Ana Negreiros says

“Onde é que começa o amor ninguém lembra”.

Ana Beatriz says

Último romance do autor carioca Victor Heringer, *O amor dos homens avulsos* é um livro definitivamente arrebatador e impossível de parar de ler.

Quente como o sol que o narrador odeia e amarelo como os subúrbios do Rio de Janeiro, é um livro narrado por Camilo que aos 50 anos está lembrando-se de seu primeiro amor. A maior parte da história passa-se na década de 1970 quando Camilo recebe em sua casa o Cosme, menino trazido por seu pai.

Inicialmente Camilo o odeia. Ignora o motivo pelo qual o adolescente está em sua casa, mas ao longo do texto vamos descobrindo as ligações entre seu pai, médico, e o regime da ditadura. A partir de determinado ponto, Cosme é o responsável por fazer Camilo conhecer o lugar onde mora, assim como as pessoas, justamente porque por ser uma pessoa com deficiência a mãe do menino não o deixava brincar na rua. E daí surge entre os dois garotos avulsos o primeiro amor, aquele romântico e com a descoberta da sexualidade. Há ainda uma parte da história que se passa em 2014 e nesta, há outro amor entre homens avulsos e a descoberta em Camilo de um novo papel. Mas para saber como isso se dá você precisará ler a história.

Por ser um livro com tantas e importantes descobertas, a imagem do sol e da claridade é retomada a todo momento, assim como a simetria. É um livro brilhantemente simétrico e isso foi o que me conquistou para além da escrita cativante do autor. Para além disso, o autor consegue unir linguagem verbal e não-verbal, trazendo fotografias para o livro e nos trazendo maior imersão porque com uma foto parece que tudo aquilo é uma realidade. Interessante notar que a maior parte das fotos é de uma sutileza ímpar!

É o tipo de livro que te faz buscar imediatamente ao terminar de ler toda a obra já escrita pelo autor. E nisso acabei descobrindo que Victor Heringer faleceu no começo deste ano, aos 29 anos. Deixou dois romances (*Glória* e *O amor dos homens avulsos*), um livro de poesia e em nós, leitores, um vazio enorme. Você faz falta, Victor. Siga em paz.

Mateus Bandeira says

Da ternura como potência. Lindo demais, e cruel na medida séria - quando necessário. Muito surpreso e feliz por ter lido esse livro.

Vitor Martins says

Descobri esse livro por acaso. Livro nacional, contemporâneo, protagonista gay e capa bonita. YAS!

Ganhei de aniversário. YAAAS!

Dei uma lida na orelha para saber do que se tratava e descobri que *O amor dos homens avulsos* é "mistura de ficção machadiana com ~happening oswaldiano~, de crônica de saudade com um experimentalismo quase amoroso".

Tá.

Comecei a ler com um pouquinho de receio (e um pouquinho de preconceito). Medo de ser pedante demais ou iluminado demais ou machadiano demais. Medo ser aquele tipo de livro que ou você sente raiva ou você se sente burro.

No começo da história tive um bloqueio pra me conectar com o protagonista mas uma hora (não lembro qual) aconteceu. Eu entendi as dores e os medos de Camilo e desse ponto pra frente eu não conseguia parar de ler. Esse livro traz uma carga dramática muito forte, contada de um jeito muito diferente. Engraçado até. O título não poderia ser melhor. Essa é uma leitura que segue um amor que não durou muito tempo mas durou a vida toda. E ainda assim, é uma história normal. Cotidiana. Avulsa.

Eu não sei explicar, mas essa história carrega *alguma coisa* muito única. Talvez seja o happening oswaldiano.

Robledo Cabral says

Bárbara Heliodora, crítica de teatro e especialista na obra de Shakespeare, costumava dizer que qualquer brasileiro poderia encenar “O Auto da Compadecida”. Não porque a peça é excessivamente simplória, mas porque qualquer homem ou mulher nascido no Brasil se enxerga ali. O “Auto” é verdadeiro para qualquer brasileiro porque a realidade de um país atravessado por pobreza e sacralidade nos é imensamente familiar – é com ela que convivemos todos os dias, direta ou indiretamente, por vivência ou relato. Temos intimidade com a imagem da família que sofre, mas crê; que, encurralada por violências de toda sorte, olha para cima e acredita que a Mãe de Cristo ouve suas preces. Esse reconhecimento, esse princípio de identidade entre vida e arte, seria suficiente para que surgisse algo de vital, de verdadeiro e abrasivo, nos nossos mais modestos exercícios de atuação.

Pensei em começar essa resenha dizendo, num raciocínio parecido com o de Bárbara Heliodora, que qualquer pessoa poderia escrever um romance sobre primeiros amores. Ok, há um risco de exagero: sempre há alguém que não cabe no “qualquer pessoa”, como há muita gente que não cabe no “qualquer brasileiro” da crítica de teatro, mas a linha de pensamento se mantém. A universalidade da experiência, seja ela da pobreza e da fé, seja do afeto desmedido, se preserva. Digamos: poucos de nós tivemos a vida fatiada no meio por um assassinato, uma truculência mortal, uma queda da graça. Poucos passamos uma noite numa ilha deserta; pouquíssimos estivemos prestes a ser executados. Mas praticamente todos passamos por aquele que é o marcador quintessencial da transição infância-juventude, ainda que por vezes venha muito depois de a infância ter terminado: o primeiro amor. Praticamente todos experimentamos a transfiguração da existência em tempestade tumultuosa, repentina, que condensa toda a geometria do universo na imagem de alguém.

Assim – diz Victor Heringer, que no processo de elaboração de “O amor dos homens avulsos” pediu a internautas que lhe dissessem coisas sobre seus primeiros amores –, “Dimitri amou Cristina ou Estefânia, como Lucas amou Ana Carolina e Ana amou Murilo. Como Carolina amou Victor, Marília amou Leonardo,

Rodrigo amou Amanda, Marcelo amou André, Nathalia amou Rodrigo, Mariana amou Cadu e Laura amou Antoine”. Algo nos moldes da célebre quadrilha de Drummond, com a diferença crucial de que, nesse caso, existe a promessa silenciosa da devolução — o presente mais precioso do mundo. Ninguém nunca ama de volta na quadrilha do poeta. Sem falar, é claro, na sensação muito mais veemente de onipresença, de que o amor está em todos os lugares, em todos os momentos. Enquanto você lê esta resenha, pessoas no seu bairro ou na sua cidade amam com uma intensidade que lhes é inédita, e que desenraíza princípios profundos. Eu, quando tive o meu primeiro amor, gostava de pronunciar as três sílabas do nome do meu menino repetidamente: o peso de cada uma me parecia exato, moldado com precisão e delicadeza, elegante, luminoso.

“O amor dos homens avulsos” é um livro sobre um primeiro amor, mas não é sobre nenhum desses primeiros amores enumerados no parágrafo acima, nem sobre as dezenas de outros que Victor Heringer elenca num dado momento da obra. O amor em questão é o de Camilo – o narrador-protagonista – e Cosme. Camilo amou Cosme, Cosme amou Camilo, e essa contradição abriu um buraco tão abissal no peito do narrador que, vejamos só, foi preciso erigir um romance em homenagem ao que transcorreu.

“O amor dos homens avulsos” é a revisita nostálgica de Camilo à sua infância nos anos 1970, vivida no bairro fictício e escaldante do Queím, no Rio de Janeiro. Esse movimento reminiscente flerta com uma focalização no agora, que pouco a pouco o suplanta. Se o primeiro capítulo da obra diz respeito ao surgimento do mundo – quando, profere o narrador, “o chão era sujo de uma lama fervente e pegajosa” –, as páginas de encerramento debruçam-se sobre um presente agridoce e em tom menor, sob cuja superfície memórias calmamente pulsam. Eu não saberia dizer se o romance é um esforço de reconciliação: seria por demais simplista afirmar que, ao fim das 160 páginas, Camilo “fez as pazes” com o que aconteceu e pode enfim seguir em frente. A memória não funciona segundo a lógica médica da cura que vem depois do diagnóstico, da anamnese que precede a libertação. Pelo contrário: quanto mais multiformes se tornam as impressões que temos do tempo que passou, mais intrincado e tridimensional é o seu efeito sobre nós.

De volta à trama: a infância transcorre com o embaraço de sempre até que, num dado dia, Cosme é trazido pelo pai de Camilo para casa. O garoto veio para ficar, e Camilo, que até então tivera como única companhia infantil na casa a irmã de sorrisos canhestros, reage com hostilidade à introdução do novo rapaz. Ressente-lhe a presença. Diante da primeira tentativa de fuga de Cosme, ridiculariza-o: “Burro garoto Cosme, mula”. Mas a narrativa habilidosa de Victor Heringer gradativamente faz com que, no meio desse lodaçal de rancor, desse estranhamento pueril, algo surja. E esse algo, a grande linha-mestra do romance, não é exatamente o amor: é a ternura.

Mesmo quando fala de assassinatos e dos porões da ditadura, ou da temperatura insuportável de um subúrbio carioca, ou da melancolia inevitável dos que passam a noite de Natal sem grandes famílias – mesmo quando fala de meninos e meninas abandonados, ou de uma sala de aula na qual se congrega todo o caleidoscópio da humanidade – mesmo quando a condição física de um garoto o impede de subir numa árvore para juntar-se àquele que, sem saber, já amava – mesmo diante da agrura, da crueldade, e do desastre minimalista, “O amor dos homens avulsos” transborda de ternura da primeira à última página. A prosa de Victor Heringer, pausada, é rica em períodos curtos não porque isso reforçaria a aridez da narrativa, mas porque o livro é um glorioso exercício de contemplação. O romance é curto, fragmentário, mas não tem pressa: mesmo quando oscila entre presente e passado, o faz sem grandes alardes, como se estendesse uma mão amigável ao leitor que caminha pela vida pedregosa de Camilo.

Não há melodrama. Em um certo ponto, o narrador afirma que não existe essa história de amar duas décadas em duas semanas, ou qualquer coisa que o seja. Quando se ama um dia, ama-se um dia, e muito desse dia é perdido em silêncios e obrigações, esvai-se em momentos de distração, de brigas frívolas, de desatenção. Se

eu estou lavando a louça enquanto você dorme no quarto, estou te amando? Eu não sei, Victor Heringer não sabe, Camilo e Cosme não sabem; e no entanto é esse não saber que nos é oferecido. “O amor dos homens avulsos”, o título em si, talvez seja algo pleonástico, mas não deixa de preservar certa riqueza: todo amor tem um componente irreprimível de alheamento, de ser-desengonçado, mas também uma vontade vital de coerência. O amor sempre manca, mas nunca para de caminhar. Todos os homens são mais avulsos quando amam, e menos avulsos porque amam.

É à pintura de uma parte dessa caminhada errática e escorregadia que se prestam as páginas de Victor Heringer, entrecortadas por imagens, listas, desenhos, fotografias. Anda o amor, palmilha e tropeça o amor, e no seu caminhar as pessoas trocam pequenos presentes entre si: pedrinhas, recados, um livro sem capa, o que mais? Trota o amor, recua e ajoelha o amor, e ao longo do caminho há um medo horroroso de que algo esteja dando errado, um desejo materno de proteger a chama incipiente. Respira com sofreguidão o amor, toma apoio numa balaustrada, e enquanto coloca um pé na frente do outro acaba por tingir absolutamente tudo que o precedeu, assim como o que virá depois. O primeiro amor é um segundo nascimento, e a convicção que Victor Heringer tem dessa verdade desagua em cada uma dessas páginas.

Eu não sei se qualquer pessoa poderia escrever um romance sobre primeiros amores, como talvez qualquer brasileiro pudesse encenar “O Auto da Compadecida”. Seria preciso submeter a hipótese a teste.

Tracemos uma linha na areia: os que podem e os que não podem. De um lado, os que enxergam a multitude de ímpetos, o soçobrar interno, a cor, o cheiro, o primeiro beijo, a primeira mão aqui e ali, o eu e o outro transformados num caos – e sabem falar de tudo isso. Do outro lado, os que teriam o espírito torpedeado e ficariam paralisados, de boca aberta, sem saber o que os atingiu. Victor Heringer definitivamente pertence ao primeiro grupo e, como tal, assegurou seu lugar do lado de lá da nossa linha na areia. Uma obra-prima.

zoni says

Victor Heringer é um autor insano de tão bom. Estou ainda estou tentando entender como ele conseguiu de forma tão simples escrever uma obra tão profunda, delicada, densa, e tão poética. Minhas lágrimas com certeza não foram em vão, esse texto realmente merece cada uma das minhas emoções.

Fazia um bom tempo que estava com esse volume na lista de leitura, e me arrependo de ter demorado tanto para começar a leitura. É um livro cheio de *insights*, narrado por um personagem que não se deslumbra com nada, que não supera uma perda brutal e violenta do seu primeiro amor, que mistura o presente com a história de sua infância, onde dois meninos se apaixonam em um subúrbio carioca durante os anos 70, em um romance improvável entre duas pessoas completamente improváveis. É um relato honesto sobre a vida, sobre as lembranças, os momentos vivenciados, as descobertas, cheio de surpresas e reviravoltas muitas vezes desconcertantes.

Não que pareça com *Me Chame Pelo Seu Nome*, mas me remeteu sim, quando o autor faz o retrato de um subúrbio que nos conecta com a inquietação provocada pelo calor, pelos dias de férias e pela juventude desses meninos se odiando no início e se apaixonando depois. Com certeza uma das melhores leituras do ano, indico com força, leiam.
